

**A Identidade Sem Terra, Reforma Agrária e o Projeto Político Pedagógico¹
Emancipador.**

Ramofly Bicalho dos Santos – Unig e Uniabeu

ramofly@gmail.com

Resumo

O Projeto político-pedagógico (PPP) no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é visto como possibilidades de expressão da gestão democrática e emancipatória, valorizando a escola como local de construção da cidadania plena e contrária às ações reprodutivistas e produtora das desigualdades. Escola que se envolva na luta pela inclusão social e nela, a Identidade Sem Terra e a reforma agrária. Que valorize os sujeitos no trato com o trabalho como princípio educativo e a realidade de vida em que estão inseridos. Que predomine a cultura da criticidade, da igualdade, do direito à terra e conhecimento. A conquista desse projeto pelo MST constitui parte de uma disputa nacional pela hegemonia, e inscreve-se como um dos componentes indispensáveis da estratégia das forças políticas em luta pelo alargamento da democracia na sociedade brasileira.

Palavras Chaves: Identidade, Projeto Político Pedagógico e Reforma Agrária.

Abstract

The political-educational Project (PPP) in the Movement of Landless Rural Workers is seen as an opportunity for expression of democratic management and emancipatory, valuing the school as a place of construction of full citizenship and contrary to the actions reprodutivistas and producing inequalities. School who engages in the struggle for social inclusion and in it, the identity landless and land reform. That puts the subject in dealing with work and the reality of life around them. What predominate the culture of criticality, equality, the right to land and knowledge. The achievement of this project by the MST is part of a national competition for hegemony, and it is as one of the essential components of the strategy of political forces to fight the enlargement of democracy in Brazilian society.

Keywords: Identity, Design and Political Educational Agrarian Reform.

¹ Este texto é parte integrante da tese de doutorado em educação defendida na Unicamp, com poucas modificações.

A Identidade Sem Terra, Reforma Agrária e o Projeto Político Pedagógico Emancipador.

Neste trabalho abordaremos alguns dos limites e possibilidades de relação entre a Identidade Sem Terra, a reforma agrária e o PPP emancipador no MST, associada à luta pelo reconhecimento. Para dar continuidade e ampliar o entendimento acerca do PPP - vivenciado nos processos de formação política e pedagógica das escolas dos assentamentos e acampamentos do MST, precisamos adentrar por algumas outras frestas, buscando novas relações sociais e a possibilidade de construir coletivamente outros espaços. Assim, manteremos a preocupação de comparar e entrecruzar vozes advindas de diversas fontes documentais. A luta pelo PPP emancipador está ancorada na construção da identidade pessoal e coletiva, na centralidade do conflito de idéias e de valores. Neste projeto se faz necessário que seus membros – lideranças e acampados – consigam ampliar comportamentos críticos, auto-críticos, democráticos e emancipadores.

Preocupado com os limites e as possibilidades de construção da Identidade Sem Terra, percebemos que, quando o sujeito não é reconhecido no seu potencial e nas histórias de vida que carrega, perdem-se oportunidades e a construção da identidade pessoal e coletiva são afetadas. São várias as possibilidades de desrespeito acerca da identidade do sujeito. Dentre elas, Honneth (2003: 215) destaca que: *aquelas formas de maus-tratos práticos, em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre o seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal*. No Movimento, esse desrespeito contra a identidade acarreta diferentes comportamentos. Pode contribuir para a baixa-estima dos trabalhadores rurais, provocando situações de desconforto também para o próprio coletivo, enfraquecendo-o.

Percebemos então que o desrespeito à Identidade passa por vários aspectos e o lado sentimental do ser humano é ofuscado e desprotegido. Quando o desrespeito afeta a identidade pessoal do sujeito, criam-se espaços de conflitos e contradições internas que automaticamente tem seu eu, sua individualidade, seu *reconhecimento recusado* (Honneth, 2003).

Na construção da Identidade Sem Terra, atitudes de desrespeito parecem não diminuir a intensidade da luta, assim como, a conquista de frações do território, ainda não é suficiente, pois apenas um pedaço de terra não resolve os problemas educacionais, de saúde, de produção e a

reforma agrária em si. As dificuldades e conflitos podem contribuir para fortalecer ainda mais essa busca. Como afirma (Honneth, 2003: 17) *a base da interação é o conflito, e sua gramática, a luta por reconhecimento*. Este processo de construção e fortalecimento da identidade, tanto pessoal quanto coletiva, passa necessariamente por uma luta pelo reconhecimento.

João Pedro Stédile mostra que a solidariedade e a amizade são aspectos importantes na construção de uma sociedade mais justa para todos.

Não estamos somente preocupados com a conquista de um pedaço de terra, mas com a formação integral de toda nossa base social. Queremos ser libertos e construir comunidades bonitas, com outras relações sociais, baseadas na amizade, na solidariedade. Enfim, comunidades desenvolvidas, no sentido pleno da palavra. (STÉDILE, 1999: 107)

Caldart (2004: 42), aprofunda o conceito de Identidade afirmando a necessidade de assumi-la com orgulho, enfrentando os desafios presentes. Associa educação com a possibilidade de construir essa identidade, formando sujeitos que respeitem os valores, as histórias de vida e a cultura na qual estão inseridas. Nesse processo de organização e envolvimento coletivo, Abramovay (1985: 57) argumenta que: *os acampados, ao se organizarem coletivamente, deixam de ser apenas os objetos do processo de reforma agrária e tornam-se sujeitos, eles passam do plano receptivo para o ativo*.

Na construção da Identidade Sem Terra e valorização das histórias de vida, a ocupação é mais uma das estratégias utilizadas pelos trabalhadores rurais nessa luta. Luta popular de resistência coletiva dos trabalhadores do campo em defesa de seus ideais, proporcionando processos de aprendizagens e construção política. Essa resistência acompanha as famílias em inúmeras ocasiões: na desapropriação do latifúndio, no assentamento dos militantes, na produção, na escola, entre outros aspectos.

Importante perceber que nas ocupações, a possibilidade de construção da Identidade Sem Terra é muito significativa, pois são nesses espaços de luta pelo reconhecimento que presenciamos diferentes formas de resistir às dificuldades, tais como: o intenso calor, o frio exagerado, as doenças, a quantidade muito grande de pessoas sob tendas de plástico. O chão de barro no sol e a lama na chuva, o interior pouco iluminado e a falta de água corrente são alguns dos outros problemas presentes nos acampamentos.

Abramovay (1985: 57) afirma que: acampar, neste sentido, consiste em tomar a ofensiva da luta, é demonstrar que os agricultores são capazes de transformarem-se em agentes da construção de sua própria identidade política. Essas experiências fazem parte da organização dos

trabalhadores, são maneiras diferenciadas de resistir coletivamente de acordo com a história de vida e envolvimento desses sujeitos. Importante não esquecer o quanto o conceito de coletivo atua como armadilhas nesse nosso aprendizado das lutas.

A ocupação é uma dessas atividades coletivas e de ação que envolve expectativas, compromissos e mostra a realidade de injustiças contra o povo do campo. São os trabalhadores rurais desafiando o Estado, representante legítimo dos interesses da burguesia. Para o Movimento no documento: *a reforma agrária que precisamos*, esse Estado somente apresenta políticas de assentamentos quando se vê pressionado:

As idéias, por si só, nada transformam, não possuem força alguma. Elas adquirem força quando são compreendidas, assimiladas e se transformam em consciência, em prática de luta das massas. Aí, sim, as idéias são revolucionárias, porque se transformam em ações transformadoras da realidade. (MST, 2003: 06)

No entanto, essas fortes palavras utilizadas pelo Movimento: *transformação da consciência, prática de luta revolucionária, ações transformadoras e, em especial, luta das massas*, todas vinculadas ao coletivo, são definitivamente contestadas por Canetti em seu livro *Massa e Poder*. Este afirma que nos espaços onde predomina um intenso comportamento de lamentações, prevalece o delírio. Nessa total organização e envolvimento coletivo: *é difícil não se deixar influenciar por tal cena: sente-se empatia, compaixão e espanto, tudo ao mesmo tempo.* (Canetti, 1983: 166) É difícil descrever como e, em que situação, o delírio se apossa das massas no decorrer das atividades e durante as festas, como disse Canetti: *é quase inimaginável.*

Entretanto, para o Movimento, as marchas, coletivamente organizadas, podem servir para pressionar o Estado, com atos públicos, envolvendo os trabalhadores rurais, crianças e idosos na divulgação da luta pela terra, com palestras e vídeos. Visitam-se igrejas, sindicatos, escolas e associações de moradores. A caminhada, então, como forma de pressão e divulgação dos valores e princípios do Movimento pode contribuir para que acampados e assentados dêem adeus à inocência, conforme relatado na poesia de Pedro Tierra: *somos a perigosa memória das lutas*, no livro: *MST: formação e territorialização*, de Bernardo M. Fernandes (1999: 153).

Importante nessa intensa relação entre as ocupações organizadas pelo Movimento e a possibilidade de envolver-se com as histórias de vida, a Identidade Sem Terra, os sentimentos, o prazer e a necessidade de conquistar a terra é perceber aspectos relevantes na construção do Projeto Político Pedagógico defendido pelas escolas do MST. Dessa forma, essa junção pode

possibilitar, por exemplo, formação pedagógica e política, na perspectiva afirmada por Ricardo Abramovay no caderno do educando – pra soletrar a liberdade n° 2 Somos Sem Terra:

O acampamento não é apenas o produto da revolta e do desespero. Ao contrário, a decisão de acampar supõe grande maturidade política, organização, coesão, disciplina e, sobretudo, fé e esperança. O acampamento não é um aglomerado disforme de gente que não tem mais nada a perder. Ele é, isto sim, a expressão organizada da miséria, mas também da convicção de que a vitória sobre a fome e a pobreza é possível. (ABRAMOVAY, 1999: 18)

Participar de uma ocupação é sempre uma decisão de coragem. Requer preparação e desgaste emocional, disciplina, maturidade política, fé, esperança e organização no enfrentamento da fome e da pobreza. O medo, a insegurança e a dedicação também fazem parte desse processo de conquista da terra. Esses sentimentos são freqüentemente trabalhados nas místicas e nas escolas. O coletivo nesse sentido pode exercer um papel importante na superação dessas angústias, orientando e defendendo estratégias que contribuam para a superação das dúvidas em torno deste momento ímpar.

O acampamento é um momento muito importante na conquista da terra. É um envolvimento contínuo, onde as tomadas de decisões precisam ser transparentes. Não existe a possibilidade de esconder esse fato, pois, todos os setores da sociedade posicionam-se, seja a favor ou contra. É através dele que se constrói as várias possibilidades de sonhos, esperanças e vitórias no futuro assentamento. Dependendo do grau de organização e conscientização dos acampados, além da coerência com os valores e princípios defendidos no Movimento, essas possibilidades aumentam ou diminuem.

Quando pensamos em um PPP emancipador, vemos na *ocupação* do latifúndio um espaço de tamanhas possibilidades de formação, de luta e resistência. Ocupar a terra e nela produzir é movimentar os trabalhadores rurais com suas experiências na luta por mais espaço. Sem ainda conquistarem o latifúndio improdutivo, os trabalhadores rurais com essa atitude, pressionam os órgãos públicos, forçando-os com possibilidades de negociação. Para João Pedro Stédile na descrição feita sobre a ocupação:

teria muitos aspectos para abordar sobre a ocupação. Primeiro, é uma forma de luta contundente, não deixa ninguém ficar em cima do muro, obriga todos os setores da sociedade a dizerem se são a favor ou contra. Não há, enfim, oportunidade para escamotear o problema social. Luís Fernando Veríssimo certa vez escreveu um artigo em que diz que o maior crime que a direita tem para acusar os sem-terra é que eles são sem-terra. É um perigo neste país um cara ser pobre e organizado. Os pobres existem por aí dispersos e ninguém se queixa deles. Se se

organizam e fazem uma ocupação, ela é tão evidente e tão contundente que obriga a sociedade a se manifestar. (STÉDILE, 1999: 111)

Retomando a análise feita por Honneth, é possível perceber que a construção da Identidade Sem Terra relaciona-se, provavelmente, com a elevação da auto-estima e contribui para a formação do ser humano, enquanto sujeito crítico e autônomo no seu envolvimento social e na defesa de espaços formativos. É possível que essas atitudes não estejam desvinculadas da capacidade de mobilização social e política que acampados e assentados constroem no seu íntimo. O reconhecimento identitário vai se fortalecendo com cada nova conquista, esses sujeitos, de fato, passam a valorizar mais as suas próprias capacidades. Para Honneth o reconhecimento envolve três aspectos essenciais: a experiência do AMOR e a possibilidade da autoconfiança; a experiência do reconhecimento JURÍDICO e a do auto-respeito. Por fim, a experiência da SOLIDARIEDADE e a relação com a auto-estima.

O importante é que assentados e acampados participem das experiências de cooperação, rompendo, se possível, com o isolamento. Essas experiências podem ser transformadas em ferramentas de luta para a conquista da reforma agrária. Os embates e as lutas políticas são importantes quando possibilitam, aos envolvidos, serem sujeitos da própria história, criando e recriando espaços de reconhecimento e resistência.

O MST, enquanto sujeito coletivo, pode contribuir para o fortalecimento da Identidade dos trabalhadores rurais, construindo novas experiências na luta pela terra, proporcionando espaços de desenvolvimento da ciranda infantil, da educação de jovens e adultos, conquistando novos lugares, novas idéias e simpatizantes. Para Caldart (2000: 04): *Cada sem-terra que entra no MST entra também num mundo já produzido de símbolos, gestos, exemplos humanos, valores, que a cada ação ele vai aprendendo a significar e ressignificar.* Assim, a construção dessa Identidade vai se dando paulatinamente, militantes vão se conhecendo e tendo a oportunidade de discutir, refletir e opinar sobre os valores diretamente relacionados com a vida deles. É a partir desse possível comportamento que podemos perceber relações mais amplas de solidariedade entre os sujeitos, alicerçadas nas histórias de vida que cada pessoa viveu.

Pensar na solidariedade e no belo, tendo a possibilidade de viver sonhos e utopias combinam com a valorização constante das histórias de vida. Ela alimenta a esperança dos trabalhadores rurais nos acampamentos e assentamentos do MST. Significa paixão e mobiliza homens e mulheres no envolvimento com a sociedade. É através dessas histórias de vida e da Identidade Sem Terra que esses sujeitos enfrentam as dificuldades, com entusiasmo frente aos

fracassos e desajustes desta civilização. Esses militantes no contato com a mística, os sonhos e a poesia resistem à luta, buscam uma vida mais digna.

Na *luta por reconhecimento* (Honneth, 2003), importante é valorizar a relação entre os sujeitos, permeada pela confiança, a emoção, as carências e o amor. Nos acampamentos e assentamentos do MST, por exemplo, a música é sempre muito utilizada e serve como renovação dos sonhos, da mística, das utopias, dos ideais e valores da dignidade humana, do coletivo e de reconhecimento da realidade dos trabalhadores rurais. Outros aspectos dessa mística são as festas, os momentos de prazer e confraternização, piadas e lembranças das marchas, dos acampamentos e enfrentamentos com autoridades policiais. Espaços para lembrar e rever antigos companheiros, importantes na renovação das forças e estímulo nos momentos de incertezas e dificuldades.

Os sonhos, as emoções e o respeito pela vida são frequentemente trabalhados e, esses valores podem estar ligados às possibilidades de superação das dificuldades enfrentadas nos espaços de formação do Movimento. Dependendo do grau de envolvimento, esses valores geram alívio, tensão e respeito, unindo as pessoas em torno dos mesmos propósitos. Obstáculos, como por exemplo, uma ocupação, a vida nos acampamentos, a lona preta, as marchas intermináveis, entre outros, podem ser enfrentados. Caldart (2000: 134) faz o seguinte questionamento: *O que manteve estas pessoas em Marcha, tomando chuva, fazendo bolhas no pé, exaurindo sua força física, mesmo sabendo que ainda não era para sua terra que caminhavam?* Essas dificuldades e limites fazem parte da luta pela Identidade Sem Terra e Projetos Políticos Pedagógicos emancipadores defendidos pelo MST. Para Honneth, o importante é perceber os conflitos que se originam das inúmeras experiências de desrespeito e de não-reconhecimento da identidade pessoal e coletiva, atrelada a esfera emotiva, social e jurídica.

A construção da Identidade Sem Terra deve continuar após o assentamento. Essa luta pela sobrevivência individual e coletiva, passa necessariamente pelas várias cercas do judiciário, da polícia, da mídia, entre outras. Essas cercas quando derrubadas simbolizam respeito e valorização dos trabalhadores rurais, faz a sociedade refletir sobre as imensas desigualdades em nosso país, a presente e interminável miséria, a necessidade de uma boa alimentação em contraposição à fome presenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . ABRAMOVAY, R. *Nova forma de luta pela terra: acampar*. Revista Reforma Agrária. (Campinas), v. 15, 1985.
- . BICALHO, Ramofly dos Santos. *Alfabetização no MST: experiências com jovens e adultos na Baixada Fluminense*. Campinas: Editora Komedi, 2005.
- . CALDART, Roseli Salete. *Educação em movimento: Formação de educadoras e educadores no MST*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- . __ *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- . CALDART, Roseli Salete; ARROYO, Miguel Gonzáles & MOLINA, Mônica Castagna (organizadores). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- . CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Ed. Universidade de Brasília, 1983.
- . CHAUI, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* SP: Brasiliense, 2001 (Coleção primeiros passos; 13)
- . DE ROSSI, V.L.S. *Gestão do projeto político-pedagógico: entre corações e mentes*. São Paulo: Moderna, 2004.
- . __ *Projetos político-pedagógicos emancipadores: histórias ao contrário*. Cadernos do Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 319-337, dez. de 2003.
- . __ *Mudança com máscaras de inovação*. Educação e sociedade 92, v. 26, número especial - 2005. 61, p. 935-957.
- . FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: formação e territorialização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- . FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1997.
- . __ *Pedagogia do Oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1975.
- . __ *Educação como prática de liberdade*. RJ: Paz e Terra, 1983.
- . HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. SP: Ed. 34, 2003.
- . STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

- . VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Educação básica e Educação superior: Projeto político-pedagógico*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

. FONTES PRIMÁRIAS.

- . MST – A Reforma Agrária que precisamos. SP, 2003.
- . MST – Caderno de Educação n° 8 – Princípios da Educação no MST. São Paulo, 1999.
- . MST – Caderno do educando – Pra soletrar a liberdade n° 1: *Nossos Valores*. São Paulo, 2000.
- . MST – Caderno do educando – Pra soletrar a liberdade n° 2: *Somos Sem Terra*. São Paulo, 2001.